

Atos dos Apóstolos - Jesus, o nome que salva

O Papa Francisco, na primeira Audiência Geral depois da pausa de verão, retomou a série de catequeses sobre os Atos dos Apóstolos, comentando o milagre de Pedro que, em nome de Cristo, curou um paralítico.

07/08/2019

Bom dia, amados irmãos e irmãs!

Nos Atos dos Apóstolos, a pregação do Evangelho não é confiada

unicamente às palavras, mas também a gestos concretos, que dão testemunho da verdade do anúncio. Trata-se de «prodígios e milagres» (At 2, 43) realizados pelos Apóstolos, confirmando a sua palavra e demonstrando que eles agem em nome de Cristo. Acontece, pois, que os Apóstolos intercedem e Cristo atua, agindo «com eles» e confirmando a Palavra com os sinais que a acompanham (cf. Mc 16, 20). Muitos prodígios, numerosos milagres que, realizados pelos Apóstolos, eram precisamente uma manifestação da divindade de Jesus.

Hoje deparamo-nos com a primeira narração de cura, diante de um milagre, que é a primeira narração de cura do Livro dos Atos. Ela tem uma clara *finalidade missionária*, que visa suscitar a fé. Pedro e João vão rezar no Templo, centro da experiência de fé de Israel, à qual os primeiros cristãos ainda estão

fortemente ligados. Os primeiros cristãos rezavam no Templo de Jerusalém. Lucas indica a hora: é a hora nona, ou seja, três da tarde, quando o sacrifício era oferecido em holocausto, como sinal da comunhão do povo com o seu Deus; e também a hora em que Cristo morreu, imolando-se a si mesmo «uma vez para sempre» (*Hb* 9, 12; 10, 10). E à porta do Templo chamada “Formosa” — a porta Formosa — veem um mendigo, um paralítico de nascença. Por que razão aquele homem estava à porta? Porque a Lei mosaica (cf. *Lv* 21, 18) impedia a oferenda de sacrifícios por parte de quem tivesse deficiências físicas, consideradas como consequências de alguma culpa. Recordemos que diante de um cego de nascença, o povo tinha perguntado a Jesus: «Quem foi que pecou para que este homem nascesse cego, ele ou os seus pais?» (*Jo* 9, 2). De acordo com essa mentalidade, existe sempre uma culpa na origem

de uma malformação. E em seguida foi-lhes negado até o acesso ao Templo. O coxo, paradigma dos numerosos excluídos e descartados da sociedade, está ali a pedir esmolas como todos os dias. Não pode entrar, mas está diante da porta. E eis que acontece algo inesperado: chegam Pedro e João, e desencadeia-se *um jogo de olhares*. O aleijado fita os dois para pedir uma esmola; os Apóstolos, ao contrário, olham para ele, convidando-o a *fitá-los de maneira diversa, para receber outro dom*. O coxo olha para eles e Pedro diz-lhe: «Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e caminha!» (*At 3, 6*). Os Apóstolos estabeleceram uma relação, porque este é o modo como Deus gosta de se manifestar, *na relação*, sempre no diálogo, sempre nas aparições, sempre com a inspiração do coração: trata-se de relações de Deus conosco; através de um encontro real entre as

pessoas, que só pode verificar-se no amor.

Além de ser o centro religioso, o Templo era inclusive um lugar de intercâmbios económicos e financeiros: a esta redução opuseram-se várias vezes os profetas e até o próprio Jesus (cf. *Lc* 19, 45-46). Mas quantas vezes penso nisto, quando vejo alguma paróquia onde se considera que o dinheiro é mais importante que os sacramentos! Por favor! Igreja pobre: peçamos isto ao Senhor! Quando se depara com os Apóstolos, aquele mendigo não recebe dinheiro, mas encontra o *Nome que salva o homem: Jesus Cristo*, o Nazareno. Pedro invoca o Nome de Jesus, ordena ao paralítico que se levante, que se ponha da posição dos vivos: de pé, e toca aquele doente, ou seja, pega-lhe pela mão e levanta-o, gesto no qual São João Crisóstomo vê «uma imagem da Ressurreição» (*Homilias sobre os*

Atos dos Apóstolos, 8). E aqui aparece o retrato da Igreja, que vê quantos estão em dificuldade, não fecha os olhos, sabe encarar a humanidade para criar relações significativas, pontes de amizade e de solidariedade em vez de barreiras. Manifesta-se o rosto de «uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos» (*Evangelii gaudium*, 210), que sabe dar a mão e acompanhar para levantar, não para condenar. Jesus estende sempre a mão, sempre procura levantar, fazer com que as pessoas sarem, sejam felizes, encontrem Deus. Trata-se da «arte do acompanhamento», que se distingue pela delicadeza com a qual nos aproximamos da «terra sagrada do outro», dando ao caminho «o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (*ibid.*, n. 169). E é o que estes dois Apóstolos fazem ao coxo: fitam-no, dizem “olhe

para nós”, estendem-lhe a mão, fazem-no levantar e curam-no. Assim faz Jesus com todos nós. Pensemos nisto, quando enfrentarmos maus momentos, situações de pecado e de tristeza. Jesus diz-nos: “Olhai para mim: estou aqui!”. Peguemos na mão de Jesus e deixemo-nos levantar.

Pedro e João ensinam-nos a não confiar nos meios, que também são úteis, mas na verdadeira riqueza que é a relação com o Ressuscitado. Com efeito — como diria São Paulo — «somos julgados pobres, porém enriquecemos a muitos; sem posses, nós que tudo possuímos» (*2 Cor 6, 10*). O nosso tudo é o Evangelho, que manifesta o poder do Nome de Jesus que realiza prodígios.

E nós, cada um de nós, o que possuímos? Qual é a nossa riqueza, qual é o nosso tesouro? Como podemos enriquecer os outros? Peçamos ao Pai o dom de uma

memória grata, recordando os benefícios do seu amor na nossa vida, para dar a todos o testemunho do louvor e da gratidão. Não nos esqueçamos: a mão sempre estendida para ajudar o outro a levantar-se; é a mão de Jesus que, através da nossa, ajuda o próximo a erguer-se!

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/audiencia-francisco-atos-dos-apostolos-jesus-de-nazare-o-nome/> (04/02/2026)